

VERA DUARTE: ENTRE CENAS SOCIOCULTURAIS E PAIXÕES LITERÁRIAS

VERA DUARTE: BETWEEN SOCIOCULTURAL SCENES AND LITERARY PASSIONS

Ana Rita Santiago¹

RESUMO: A dicção poética da escritora Vera Duarte, indubitavelmente, desenha-se como um vetor pulsante e dinâmico da cena artístico-cultural contemporânea de Cabo-Verde, no tocante a sua contribuição para o fortalecimento da identidade cultural e da tradição literária desse país. Diante disso, este texto tem como objetivos sinalizar alguns entrecruzamentos culturais e literários e tecer leituras interpretativas sobre recorrências de amor e solidão como experiências e contingências da existência humana e da vida em relações em *Amanhã amadrugada* (1993) e *O arquipélago da paixão* (2001).

Palavras-chave: Amor; solidão; cultura; paixão.

ABSTRACT: The poetic diction of the writer Vera Duarte undoubtedly draws herself as a pulsating and dynamic vector of the contemporary artistic-cultural scene of Cape Verde, not touching a contribution to the strengthening of the cultural identity and the literary tradition of that country. In view of this, this text aims to signal some cultural and literary cross-links and interpretive readings on recurrences of love and loneliness as experiences and contingencies of human existence and life in relationships in *Amanhã amadrugada* (1993) and *O arquipélago da paixão* (2001).

Keywords: Love; loneliness; culture; passion.

Introdução

É importantíssimo compreender a relevância das tessituras literárias de Vera Duarte na consolidação da literatura em Cabo-Verde, não tão somente para a contemporaneidade de seus versos, mas também para a constatação de sua efetiva e eficaz contribuição para o fortalecimento da identidade cultural, ou se quisermos da identidade crioula, e da tradição

1 Doutora pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Líder do grupo de pesquisa “Linguagens, Literaturas e Diversidades” (CNPQ-UFRB). E-mail: anaritasilva@ufrb.edu.br.



literária desse país. Sua assinatura autoral se associa a outras em que vozes poéticas, autorais e intelectuais evidenciam traços socioculturais e elocuições literárias que se coadunam e se afirmam na paisagem cultural, não obstante às incipientes políticas culturais e editoriais vigentes que ainda se verificam no arquipélago.

Este texto apresenta algumas considerações sobre o amor e a solidão que se apoiam em reflexões presentes no livro *L'amour la solitude*², organizado por André Comte-Sponville (2000). Além disso, tem como finalidades sinalizar alguns entrecruzamentos culturais em cenas literárias em poemas de Vera Duarte e tecer leituras interpretativas sobre recorrências de amor e solidão como experiências e contingências de relações afetuosas em poemas que integram os livros *Amanhã amadrigada* (1993) e *O arquipélago da paixão* (2001) dessa autora.

Vera Duarte: rotas e travessias

Não morri jovem nem poeta
mas não quero que minha alma envelheça
e o meu coração deixe de bater.
(DUARTE, 2001, p. 61)

Vera Duarte é natural de Mindelo, Ilha de São Vicente, Cabo Verde. Além de juíza desembargadora, exerceu diversos cargos de gestão em seu país, dentre eles, foi juíza conselheira do Supremo Tribunal da Justiça, conselheira do Presidente da República e ministra da educação e do ensino superior de Cabo Verde.

Como defensora dos direitos humanos, culturais e da liberdade, ela integra diversas instituições sociais nacionais e internacionais ligadas ao Direito, aos Direitos Humanos, à Mulher, à Cultura e à literatura. Ela já foi presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania. Atua em diversas organizações sociais em prol do desenvolvimento humano e sociocultural, tais como a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, o Comité Executivo da Comissão Internacional de Juristas e o Comité Executivo da Comissão Norte-Sul do Conselho da Europa.

É presidente da Associação Cabo-verdiana de Mulheres Juristas (AMJ) e é membro da Federação Internacional das Mulheres de Carreira Jurídica. É membro da Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV).

2 O amor a solidão. Tradução da autora deste texto.



Ela integra ainda algumas agremiações como a Associação de Escritores Cabo-verdianos (Presidente), a Academia Cabo-verdiana de Letras (ACL) e a Academia de Ciência de Lisboa.

Vera Duarte recebeu vários prêmios, dentre eles, em 1995, em Portugal, o “Prêmio Norte-Sul de Direitos Humanos” do Conselho da Europa, em reconhecimento de suas atividades em prol dos Direitos Humanos, da emancipação da mulher e da liberdade. Foi condecorada com a medalha de “Mérito Cultural” (2005). Recebeu as distinções “Divas de Cabo Verde” (2008) e a “Distinção Máxima em Pioneirismo Feminino” (1995). Ela também foi incluída no *The World Who’s Who of Woman* (1984 e 1986) e no *International Register of Profiles* (1985).

Em 1981, ela conquistou o “I Prêmio no Concurso Nacional de Poesia” (Cabo Verde) e, em 1976, obteve a “Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesia” durante a Comemoração da Independência Nacional. Em 2001, o conjunto da sua obra foi distinguido com o “Prêmio Tchicaya U Tam’Si de Poesia Africana” (Marrocos). Em 2003, foi honrada com o “Prêmio Sonangol de Literatura” (Angola) pelo livro *A candidata*.

Com essa trajetória, Vera Duarte constrói também o seu percurso como escritora ao publicar em prosa e em versos, em jornais, revistas e antologias nacionais e internacionais. Destacam-se, dentre outras, *Across the Atlantic: na anthology of Cape Verdean literature* (poemas, 1988); “Cabo Verde, insularidade e literatura” (prosa, 1998); *Vozes da cultura cabo-verdiana* (prosa, 1998); *Mirabilis de veias ao sol* (poemas, 1998); *Antologia da poesia feminina dos PALOP* (poemas, 1998); *Palavra de poeta* (prosa, 2004); *Na liberdade* (poemas, 2004); *Tchuna na Desert* (contos, 2006); *Destino de Bai* (poemas, 2008); e *Portuguesia Contraantologia* (poemas, 2009).

Ela já publicou as seguintes obras: *Amanhã madrugada* (Poemas, 1993); *O arquipélago da paixão* (Poemas, 2001); *A candidata* (Romance, 2004, 2012); *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (Poemas, 2005); *Construindo a utopia – temas e conferência sobre direitos humanos* (Ensaio, 2007); *Exercícios poéticos* (Poemas, 2010); *A Palavra e os dias: crônicas* (2013); *A matriarca – Uma história de mestiçagens* (Romance, 2017); *Risos e lágrimas* (Poemas, 2018); e *A reinvenção do mar* (Antologia poética, 2018).



Motivada por ideais e tradições da literatura da segunda metade do século XX de seu país, correspondente à pós-independência, Vera Duarte dedica-se à escrita literária imersa às realidades e culturas cabo-verdianas. Assim, ciente da história, dos problemas e condições de vida de Cabo Verde, ela escreve levando em consideração repertórios culturais e identitários do arquipélago, com suas riquezas, complexidades e ambivalências.

59 poemas são organizados em quatro “Cadernos”, em *Amanhã amadrugada*, alguns em versos e outros em prosas, aqui chamados de prosas poéticas. Neles, sujeitos líricos, na maioria, femininos, mostram o que lhes são caros, em matéria de amor e paixão, isto é, o quê eles guardam no coração e vivem na intimidade, inclusive aquilo que lhes são desafiantes e angustiantes nas relações de amor e paixão como desfila nos versos de “Desabafo”, em “Momento VI – Os momentos de um longo poema dedicado ao amor”, no “Caderno I” desse livro.

Vai e grita pelas achadas imensas
que a vida se conquista
contra a violência e a morte.

Diz
do amor que brota das areias
do mar solitário
do abraço fecundo que nasce
dos confins de nossos seres.

Diz tudo
mas não digas que te amei
— e amo —
pois chega-me a morte pela recusa.
Não quero morrer duas vezes!
(DUARTE, p. 2001, p. 34)

Em *O arquipélago da paixão*, nos 36 poemas-prosas, organizados de modo semelhante ao *Amanhã amadrugada*, os eu (s) enunciadores cantam suas vivências amorosas e enaltecem a plenitude de momentos afetuosos, dignificantes e prazerosos. Além disso, exaltam aqueles instantes em que o silêncio, a espera, a distância, as fragilidades e o cansaço se provam no percurso do amor, tal como se cantam nos versos de “Impotência”, do “Caderno 1 – Da Impossibilidade do amor”.

Que poderei eu fazer
contra esta paixão tão insensata
que lentamente me tira a vida
sem dó me exaure as forças
e sem pudor me rouba o riso



Que poderei eu fazer
contra este amor tão insidioso
que inexorável me deixa só
incontornável me rouba a alma
insustentável me entrega à dor

Quisera ser eu Pandora
e despejar-te todo o meu mal
fazer-te fraco e ser eu forte
de coração pérfido e face bela
para de amores por mim morreres

Mas cansei-me de meus gemidos
e de meus olhos consumidos pela mágoa
deuses, ouvi a minha súplica
arrebatai a minha alma
para que despedaçada ela se liberte.
(DUARTE, p. 2001, p. 38)

Seus livros *Amanhã amadrugada* (1993) e *O arquipélago da paixão* (2001), interesses deste texto, compartilham dos mesmos enfoques temáticos: o amor, a paixão, modos de amar, bem como o canto a Cabo Verde e a sua história. No segundo, dedicatórias e epígrafes, já tão referenciadas pela pesquisadora Simone Caputo Gomes (2001), no seu prefácio, enunciam relações da autora com paisagens culturais e literárias local, nacional e internacional e também com as dores, alegrias e as artes do mundo. Em ambos, além de nos encantar e instigar já com seus títulos, transitam subjetividades das vozes poéticas, imbuídas de lirismos e desvelamentos de (im) possibilidades do amor e de amar como declara a voz poética de “O amor”, do “Caderno 4 – Navegações”, de *O arquipélago da paixão* (2001).

Como é possível que depois do nosso breve e fugaz encontro eu fale contigo horas a fio nos entardeceres, te encontre no fim de cada viagem, dance contigo até ao amanhecer e te acaricie com os olhos e mãos ausentes.

Suponho que será pecado querer assim tanto e a pessoa amada estar longe. Não consigo saber contudo quem é o pecador.

Um impulso maior irresistível, absolutamente vital levou-me para ti.

Um pássaro vermelho e lindo voou de mim para ti.

Sinto-me contudo insatisfeita. Queria talvez que me tivesses procurado com a urgência e a premência que eu te quis.

E enquanto eu penso só em ti – oh! contradição – não respondo ao teu chamado, o meu coração dita-me os versos que me salvariam.

O tempo existe



para ser perdido
por isso não te fies nele
e deixa-te enganar
imperturbável
pelos sabores e pelas rotas
que te traçar o coração.
(DUARTE, 2001, p. 98)

Vera Duarte, com suas rotas socioculturais, políticas, intelectuais e poéticas, cria vozes e versos poéticos insulares cantando o amor e a paixão pelas ilhas e ilhéus que formam o arquipélago, mesclados com fios e fiapos de memórias, cultura crioula, outros mares africanos e das diásporas que têm em comum a língua portuguesa. Em “A trilogia do amor, Acto Primeiro”, “A Alma”, do “Caderno II – Do Amor”, de *Amanhã amadrugada*, versos dedicados a Arnaldo França, também escritor de Cabo-Verde, um sujeito poético feminino decide “fincar os pés”, expressão cara ao movimento de luta pelo pertencimento e valorização das raízes africanas geográficas e identitárias no chão da Mãe África.

Fiquei por aí plantada
à beira de um sábado prodigioso
olhando a linha do horizonte
e um barco carregado de estrelas
que não sei se partia
não sei se chegava

Ao meu lado
Em calor recente
tu foste o centro e o tudo
e sentir crescer em mim
o desejo d’eternidade
Não quis mais partir!

Desvendando o segredo do amor
quero permanecer na ilha
e navegar apenas em sonhos
por caminhos redondos e concêntricos
ao sabor de ti e do vento

Não quero mais partir!

De malas desfeitas
quebrarei na ilha
a prisão das ilhas
com os pés fincados na areia
que abrigou nossos corpos em tempos de festa.
(DUARTE, 1993, p. 78-79)

Decidida a não mais partir, por escolha e “cuidado de si” (FOUCAULT, 1997), ela “finca os pés” na areia das “praias solitárias”, mas



lindas, das ilhas de Cabo Verde, alegoria recorrente também nos versos de *O arquipélago*. Mesmo com todas suas carências e ambivalências, é aí que ela permanecerá para desvendar os mistérios do amor, navegar em suas ondas e vivenciar seus afetos. Em “Ai, se um dia...”, “do Caderno IV”, de *Amanhã amadrugada*, desfila um intenso e repetitivo desejo da voz poética, acompanhado de desesperança e, concomitantemente, de utopias, de ter chuvas nas terras áridas e secas, onde imperam a fome e a exploração.

Ai se em Outubro chovesse
a terra molhasse

Ai se o milho crescesse
e a fome acabasse
Ai se o homem sorrisse
a terra molhasse

Ai se o homem sorrisse
A terra molhasse
a fome acabasse
e a chuva caísse

Ai se um dia...

Acordemos camaradas,
As chuvas de outubro não existem!
O que existe
É o suor cansado
Dos homens que querem

O que existe
É a busca constante
Do pão que abundante virá

Homens mulheres crianças
Na pátria livre libertada
Plantando mil milharais
Serão a chuva caindo
Na nossa terra explorada
(DUARTE, 1993, p. 99)

Nesses versos também há clamores de solidariedade, trabalho e luta. Sem isso, indubitavelmente, não haverá milho, na mesa, nem pão, em abundância, e, menos ainda, liberdade. Prevaecem neles sentimentos que oscilam entre o sonho, a labuta e a realidade de se viver e permanecer no arquipélago do outro lado do Atlântico.

Em “esquisso”, “Momento XI”, do “Caderno I”, de *Amanhã amadrugada*, a voz poética apresenta os primeiros traços e contornos de sua existência, inventando um croqui de construção de si que é tecido de



muitos outros eu (s), lugares e porquês, sem perder de vista o “seu lugar” e a sua formação histórico-social de si.

A minha ancestralidade plasmada sobre a baía e o porto grande que se abre ao infinito gerou-me. O que eu própria fiz por mim foram pequenos retoques de (dita) cultura. Pergunto-me se a imagem se desfigurou. Ter-se-á o meu futuro se diluído na memória de um passado que não vive mas de que para sempre me ficou a nostalgia;

Não me reconheço em mim. Sinto-me carente e à minha volta apertam-se-me os círculos concêntricos de involuntária clausura. Sonhos estranhos e profundos vindos dos mais interiores de mim e de um tempo remotíssimo continuamente se despedaçam de encontro a uma parede castrante erguida não sei por quem, erguida não sei por quê. À noitinha, qual feiticeira medrosa, percorro os meus interiores em busca de saídas. Sem cessar, perco-me nos labirintos. Não encontro respostas para os porquês que me atormentam.

Mahana pela mahana montada em meu cavalinho doirado, irei pelo mundo a fora à procura do sentido da vida.

(DUARTE, 1993, p. 39)

Nessa prosa poética, o eu que se canta e narra, ao mesmo tempo, garante a incessante e permanente busca de tecer a si mesma. Sem temor, traça sua origem e seu passado, tecidos também por outras genealogias. Atormentada sim, mas não acometida pela covardia, ela segue, com medo, para outros mundos à procura de si.

Com o (re) conhecimento da luta e movimentos, de seus compatriotas, em especial, Amílcar Cabral, pela independência das ilhas do jugo colonial e construção da identidade nacional, através da afirmação de africanidades cabo-verdianas, a autora constrói, inclusive, suas entonações poéticas em favor de utopias. Em “Guerrilheiro”, no “Caderno IV”, de *Amanhã amadrugada*, uma voz enunciadora saúda um militante vigoroso e corajoso.

Trazes em ti
o elemento que desequilibra
exigindo transformação

Por ti o sonho se fecundou
e em concreta utopia
os corpos duros e belos
fundiram-se com as trevas
na noite densa do mato

Turbilhão de angústia
Paixão grande
Vida a transbordar...



A sociedade não te permitirá assim
E será a luta adiada
sonho-presente
do futuro-realidade
(DUARTE, 1993, p. 97)

Não temer a luta e as intempéries, que dela advêm, parece ser o alento da voz que, apesar de angustiada, reconhece a urgência e a proeminência do enfrentamento, mesmo em meio aos percalços e impedimentos. O sonho não lhe será roubado, ao contrário, fecundará e a transformação brotará dele e da luta, pois o sangue dos mártires não foi derramado em vão, ainda que seus nomes e feitos sejam esquecidos, tal como entoadado em “Mensagem”, do “Caderno 4”, de *O arquipélago da paixão*.

Mártires!
Mártires!
Nenhum dos vossos nomes ficará na histórias
E os homens futuros
Não saberão cada um de vossos feitos

Mas isso que importa é

De vós ficará a memória coletiva
Dos homens que construíram
A pátria nova

Tudo o que hoje temos
É duplamente valioso
Somos filhos dilectos
De um povo herói do quotidiano
(DUARTE, 2001, p. 98)

Assim, em *O arquipélago da paixão* e *Amanhã amadrugada*, vozes amantes, na teimosia de viver amando e de morrer por paixões coletivas, entoam versos à complexa vida em relação, em que se destacam o diverso, as diferenças, os conflitos, lutas e a morte, como se denota em “Morreu uma combatente”, do “Caderno III”, de *Amanhã amadrugada*.

Sol poente de domingo
o dia a cambar
e a peste a subir nos ares
a encher
a sufocar

Na cidade ouve-se um grito
-MORREU UMA COMABTENTE
Morta jaz a mulher indócil
o corpo em espuma que me inebriou



já não é!
a luz fosforescente
foi apagada por mãos cruéis

Ah, tivera eu um exércitos
armados até os dentes
e lançar-me-ia
touro furibundo
sobre seus algozes
–desditosa sina de amar a luta

Teus cabelos se espalham
ensanguentados
sobre o teu fato de guerrilheira
e jazes inerte

Mas em ti a vida se futurou
e em mil manhãs de luz
ela se multiplicará
(DUARTE, 1993, p. 72)

A voz poética feminina lamenta a morte injusta e sangrenta de outra voz feminina que foi calada brutalmente. Uma combatente é vítima, lamentavelmente, de violências e do feminicídio que assolam as águas e terras insulares, mas também, infelizmente, por outras praias e mares. O corpo da mulher indócil estendido provoca fúria, dor, indignação à voz poética, por um lado, por outro, porém, instiga-a (e a tantas outras, por ela representadas) a continuar a “sua sina de amar a luta”.

Nos versos de “Sinais”, do “Caderno 2”– “Do Amor”, de *O arquipélago da paixão*, uma voz poética feminina, semelhante à voz de “Morreu uma combatente”, imprime em seus versos marcas de subjugação da mulher, ao narrar de si, indicando fragmentos de sua existência, cravados em lutas e na história.

Pelo tempo por que passei
deixei gravados os meus sinais
d’insurreição, revolta e rebeldia
e de alegria para lá da dor
pelo tempo por que passei
deixei gravados os meus sinais
d’escrava amarrada ao tronco
esperando a cruel chibata
de pobre jovem impúbere
abusada por todos os senhores
de anónima operária exangue
aos desmandos do patrão
de triste esposa submissa
obedecendo ao rude senhor

Pelo tempo por que passei
deixei gravados outros sinais



de jornadas de lutas
de oitos de Março
de repto de Rimbaud
do no woman no cry
da fantástica solidariedade
Pelo tempo por que passar
deixarei gravados outros sinais
sinais de fogo
de sangue e de amores
sinais de lágrimas
de ódios
e de dores

Mas hoje
dona dos meus jardins
livre e insubmissa
ajoelho-me aos teus pés
em sinal d'amor e liberdade
(DUARTE, 2001, p. 57-58)

Suscetível e vítima de atrocidades da escravidão e do sexismo, ela registra distintivos do e no tempo em que fora explorada, violentada e abusada, física e sexualmente. No tempo passado, ela deixou muitas marcas históricas de servidão, sofrimento, lutas e balizou suas formas de resistências. No tempo presente, senhora de si, ela imprime também, no próprio tempo, insígnias de sua emancipação e liberdade.

Amar, nessas travessias líricas, é também se arriscar a (re) inventar modos de viver, de conhecer a si e ao amado. É, por conseguinte, experimentar o afeto, a companhia e o prazer de estar com o outro, mas também de vivenciar as dores, enfrentamentos, partidas, ausências e os limites de amar como apresentam os versos de "Partida" e "Adeus", a seguir, respectivamente, do "Caderno III", de *Amanhã amadrugada*, mas que são recorrentes em outros e em prosas poéticas.

Ao partir
apenas uma dor
apenas uma mágoa a marcar o imenso adeus
Apenas teus olhos em mim
E a recusa física da partida necessária
(DUARTE, 1993, p. 86)

Gotas de fino orvalho
sulcam meu corpo
inclinado em pudor adolescente
Minhas mãos apertam furtivas
doces esperanças
que nunca serão

... e o adeus amargo



permanece em minha boca
(DUARTE, 1993, p. 87)

Com suas elocuições poéticas, Vera Duarte também encaixa outros signos da paixão e do amor, através dos quais ecoam vozes, por vezes, dissonantes e em tom trágico, sobre o amor e a solidão, imbuídos de lirismos e emoções, como veremos no tópico seguinte e em “Lonjura”, “Caderno 1 – Da impossibilidade do amor”, de *O arquipélago da paixão*.

Longe não longe
é como te sinto
depois de te amar
como jamais ousei pensar

Longe mais longe
cada vez mais longe
é como te quero de mim
agora que só a dor restou
Longe na lonjura
numa distância tamanha
que deixe aquecer minha alma
entorpecida pelo abandono

E que esse longe sem regresso
possa varrer a dor
e trazer de novo a vida
no sorriso de outro amor
(DUARTE, 2001, p. 39)

A maioria dos versos é dedicada a reconhecer, sem lamentos, mas com dor, a longa distância entre a voz poética e o amado, bem como o seu empenho por superar o tormento da lonjura. Na última estrofe, está o ápice da superação ao se tornar ciente da impossibilidade do amor e ao acenar para a finitude do amor. Será, pois, “no sorriso de outro amor” que fará a voz do poema retornar à vida.

Nesses poemas, em outros versos e prosas poéticas, que prezam por economias do uso de sinais de pontuação, mas nem por isso são desprovidos de sentidos e coerências, estão impregnados, inclusive, de experiências apaixonantes e amorosas, carregadas de afetos, angústias, indocilidades, tormentos, partidas e insubmissões conforme será sinalizado no próximo tópico.

Amor e solidão na poética de Vera Duarte

O amor, convencional e tradicionalmente, é compreendido com marcas do amor familiar, fraterno e romântico. A esse último cabem adágios



e máximas como “promessas de amor eterno”; “sofrer de amor, não dói”; “o amor é cego”, “o amor tudo suporta”, dentre outros. O amor, entretanto, que, neste texto, é denominado de amor demasiadamente humano, pressupõe, ao mesmo tempo, afetos, carinho, prazer, encantos, sonhos, entrega, paixões, resistências, encontros, união, emoções, mas também ciúmes, desalentos, solidão, desamores, sofrimentos, riscos, desencontros, perdas, abandono, desencantos, esperas, partidas e impotências.

O ato de amar, ao fim ao cabo, implica em o (a) amado (a) ver-se profundamente humano e assim reconhecer o (a) amante. Prescinde ainda que ambos se perfilhem suscetíveis às vicissitudes e às idiosincrasias do ato de existir e de viver em relação com o (a) outro (a). Implica, enfim, de estarem inseridos (as) em distintos grupos, sociedades e comunidades.

Pensar sobre o amor requer compreender suas (im) possibilidades. Necessário se faz entender, por exemplo, a solidão como uma realidade intransponível e inerente às experiências amorosas. Para tanto, é imprescindível reconhecê-la como regra da existência e não como abandono, visto que, para se amar alguém, é preciso estar sozinho (a). Isso, entretanto, não significa viver isolado (a), haja vista que o próprio nascimento pressupõe relação com outros (as), nos assegura o filósofo Patrick Vighetti, ao ser entrevistado por Comte-Sponville (2000). Nesse sentido, a contingência de se estar sozinho (a) incita o sujeito solitário a buscar o (a) outro (a), impulsionando-o (a) à socialização e à procura de companhia.

O contrário de solidão é o isolamento, acirrado pela recusa do (a) outro (a). Neste sentido, o estar sozinha provoca desamor, pois advém da vida sem relações, isto é, sem amigos e sem amores. Já a solidão, por um lado, impulsiona a busca do (a) outro (a), sem perda da autonomia, a procura de paixões, encontros e amores, por outro, mostra amargura, tristeza, agonia, desgostos e sofrimento de se viver em ausências ou esperas. Assim, como nos adverte Vighetti (2000), o isolamento é exceção e a solidão, a regra e a verdade da existência humana, pois se nasce e morre só, na maioria das vezes, além de não podermos viver e andar pelos (as) outros (as).

A regra da sociabilidade é viver sozinho em companhia do (a) outro (a), e não por ele (a), estando com o (a) outro (a) sem subserviências. Estar sozinho (a), portanto, é acolher o (a) outro (a) como outro (a) e não



como um apêndice, objeto, instrumento ou prolongamento de nós mesmos (as), tal qual como se vive em situações de abandono. Ser solitário (a) implica estar livre e autônomo (a), soberano (a) de si e, a um só tempo, posicionar-se como um ser em permanente emancipação e, quiçá, por escolha e não por dependência, a caminho do (a) outro (a) ou, também por escolha e não por exclusão, a seguir sozinho (a).

Nessa perspectiva, o amor, como construção pessoal e também sociocultural, exige e espera dos (as) amantes o reconhecimento do (a) outro (a) como sujeitos individuais e coletivos, com suas peculiaridades, ou seja, a partir e com o exercício da alteridade. Por conta disso, o amor e a solidão são experiências humanas indissociáveis, já que, segundo Vighetti,

[...] O amor não é o contrário de solidão: ela é compartilhada, próxima, iluminada – e ofuscada, às vezes, – pela solidão do outro. O amor é solidão sempre, não que todo solitário seja amado, mas porque todo amor é solitário. Uma pessoa não pode amar em nosso lugar, nem nós, nem como nós. Esse deserto, autor de si ou do objeto amado, é o amor mesmo. (VIGHETTI apud COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 42)³ (Tradução da autora)

E aí reside o ato de amar. Para vivê-lo, torna-se imprescindível entender essa solidão como condição do existir e estar no mundo, uma possibilidade de construir novas relações e interações e ou prosseguir sozinho (a) a trilha da própria vida.

Ao se levar em conta essas breves considerações sobre possíveis relações entre o amor e a solidão, percebe-se que, na poética de Vera Duarte, denotam-se as duas experiências: o isolamento da amada como resultado de ausência, partida e até abandono do amado e a solidão como busca do existir e encontro consigo e com o outro. Em “Solidão”, no “Caderno III – poemas de bloqueio – e de amor e ausência”, de *Amanhã madrugada*, a voz enunciativa faz uma autoconvocação para reagir mediante os tormentos e isolamento através da escuta de si e retomada do vivido.

3 “[...] L’amour n’est pas le contraire de la solitude : c’est la solitude partagée, habitée, illuminée – et assombrie parfois – par la solitude de l’autre. L’amour est solitude, toujours, non que toute solitude soit aimante, tant s’en faut, mais parce que tout amour est solitaire. Personne ne peut aimer à notre place, ni en nous, ni comme nous. Ce désert, autour de si ou de l’objet aimé, c’est l’amour même.” (VIGHETTI apud COMTE-SPONVILLE, 2000, p. 42).



Escuta a voz que ressoa
das entranhas do ser
a alma que arranca
mórbida
a luz que lhe vem do nada

E vagueia...
pelas relvas molhadas
dos campos em flor
pelos homens que amei
para poisar
– borboleta ferida –
no eterno amargor
da solidão apenas resgatada
(DUARTE, 1993, p. 82)

Envolvida, profundamente, com o amado, quase atordoada, a voz poética de “Sentir”, do “Caderno 2”, de *O arquipélago da paixão*, confessa-se atônita, eufórica, surpresa e até quase assustada e transtornada com as alterações, para o bem e para o mal, que o encontro com o amado e, por conseguinte, o amor e a paixão promovem a sua existência, mobilizando sentimentos, sensações e afetos.

Sinto-me consumida
por uma paixão desesperada

Sinto-me possuída
por um louco amor desamparado

Sinto-me diluída
num sentimento que não reconheço

Quem me euforiza
e me aterra
que me dá vida
e me dilacera

Diz-me do amor
que me fizeste
conta-me baixinho
bem perto do meu ouvido
que me fizeste
pois eu não sabia assim
meu coração não batia assim
minha paixão
não sentia assim
(DUARTE, 2001, p. 55)

Além desses, inúmeros versos, normalmente, livres e curtos passeiam por *Amanhã amadrugada* e *O arquipélago da paixão* em que vozes poéticas consignam seus dissabores, esperas e desventuras, mas também suas emoções, deleites e paixões.



À guisa de (in)conclusão

Cultura e literatura, na poética de Vera Duarte, estão, intrinsecamente, relacionadas. É difícil distingui-las na sua trajetória comprometida com a identidade cultural e com o cumprimento de direitos humanos e culturais do seu país e em suas travessias literárias. Suas dicções poéticas, por consoante, se apresentam comprometidas com a valorização da história e de traços culturais africanos e interseccionadas por desenhos e vivências culturais de outras Áfricas, de outras travessias, entrecruzamentos e trilhas nacionais, internacionais e intercontinentais.

Fazer literatura é, também, para ela, “dizer” de suas subjetividades e, a um só tempo, da história, da vida e cultura crioula de Cabo Verde. É, até mesmo, trazer à baila artísticas vozes que cantam o amor e a paixão associados a sentimentos, emoções e vivências peculiares ao encantamento com o (a) outro (a), com versos plenos de imaginação, lirismos, intimismos e emoções, mas dissociados de ilusões e enganos.

Compreender recorrências de amor e solidão na poética dessa autora é um salutar e, ao mesmo tempo, um longo exercício de reversão de seus sentidos e atribuição de outras construções discursivas. Neste sentido, este texto aponta possibilidades e necessidades, o que o torna (in) concluso de continuar a navegar por travessias e arquipélagos de paixões e a trilhar por nascedouros do amor ancorados em *Amanhã amadrugada* (1993) e *O arquipélago da paixão* (2001) de Vera Duarte.

Referências

ANDRADE, M. F.; FONTES, A. **Vera Duarte**. In: <https://seriealfa.com/alfa/alfa49/VeraDuarte.htm>. Acesso em 30.04.2018.

DUARTE, V. **Amanhã amadrugada**. Lisboa: Vega; Praia: ICLD, 1993. (Palavra Africana).

DUARTE, V.. **O arquipélago da paixão**. Mindelo: Edições artilheira, 2001.

FOUCAULT, M. **Resumo dos cursos do Cóllege de France**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



GOMES, S. C. Prefácio. Ainda e sobretudo a paixão. In: **O arquipélago da paixão**. Mindelo: Edições ariletra, 2001, p. 7-24.

VIGHETTI, P. De l'autre côté du désespoir. Entretien avec Patrick Vighetti. In: COMTE-SPONVILLE. **L'amour la solitude**. Paris: Ed. Albin Michel, S.A., 2000, p. 15-75.

Recebido: 25/04/2018

Aceito: 24/07/2018

